Globethics Repository




# A Felicidade à luz do Pensamento Complexo [Happiness in the light of the Complex Thought]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

| | |
|---|---|
| Item Type | Article |
| Authors | de Jesus, Alan Willian |
| Publisher | UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora |
| Rights | With permission of the license/copyright holder |
| Download date | 2026-11-07 14:52:39 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/234415 |

# A FELICIDADE À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO:
## Por uma re-novação da noção de *tempo* e *existência* na Atualidade

*Alan Willian de Jesus*[*]

**Resumo**: Posicionando-se frente às ideias reducionistas que se desenvolveram ao longo da Modernidade, cuja racionalidade tentou conceber o homem de forma fechada, fragmentada e simplificaste, trazemos, neste artigo, o pensamento complexo como *uma* possibilidade da religação do *ser consigo* mesmo, com o mundo e sua criticidade, acerca de quais caminhos permeiam a noção de felicidade nos tempos complexos que entrelaçam a Atualidade. Nosso objetivo é de fazer um caminho filosófico, entrelaçando o fenômeno da morte e da vida à consciência de si, refletindo quanto o paradoxo da morte e da vida, com base no pensamento complexo, pode apontar para uma discussão acerca da questão da felicidade no mundo Atual, que perpassa impreterivelmente a questão existencial. Neste ínterim, a necessidade de nos deslocarmos do paradigma reducionista e vivermos a/na multidimensionalidade se sobressai, ultrapassando o limiar do pensamento vertical que põe a vida em detrimento da morte e vice-versa.
**Palavras-chave**: Complexidade, Morte, Vida, Felicidade, Existência.

## 1 TEMPOS DE CAMINHADA COMPLEXA

> *A morte é apenas um eclipse momentâneo nessa grande revolução de nossas existências. Mas esse instante é o suficiente para nos revelar o sentido grave e profundo da vida. (DENIS, 2000, p. 111)*

Com licença. Peço-lhe permissão Ilustríssimo Senhor autor defunto *Braz Cubas*, personagem de *Memórias Póstumas* por Machado de Assis (1982), para iniciar inflexões a partir de seus ditos memoráveis: "Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte". (p. 15)

Ao abrirmos a alma para as entrelinhas que circundam o profano e o imaginário, talvez, poderemos trilhar um caminho possível, que ao fazê-lo, apresentar-nos-á uma possibilidade de acender a luz do sutil encontro existencial complexo, banhado do múltiplo,

[*]Graduado em Pedagogia e Pós-graduado Lato Sensu em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Pesquisador em Filosofia da Educação e Diversidade no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade (NEPED/UFJF). Pedagogo na Rede Pública Estadual de Minas Gerais.

dos paradoxos e, do uno que permeia a longínqua caminhada rumo a desejada felicidade. Sem dúvidas, *algo diferente* está acontecendo; trata-se de sentir um tênue deslocamento. Um deslocar-se da cisão do pensamento e perceber-se no fluxo do *devir continuum* do qual este tempo complexo nos envolve; "[...] Não se trata de mudar de lugar, mas de alma" (SOFISTE, 2007, p. 89). A relação do homem com a natureza e consigo próprio diante de tais percepções vem tornando-se emoliente. Ao deparar-se com a desejada ânsia da busca pela felicidade, o homem deste tempo vem se percebendo no paradoxo inerente a esta procura, uma vez que em seu percalço, uma gama de possibilidades mostra-o que definir a felicidade *para si* e *em si*, está além de acreditar na suficiência do preenchimento de um vazio interior, todavia, beira o absurdo; outrossim, ideia de autonomia em ser feliz não se encontra isolada, mas soberanamente agregada ao Outro, e ainda, a fúnebre concepção da morte Moderna apresenta-se como um entrave à plenitude singular.

Observemos alguns liames complexos. Esgotamento. Extermínio. Acabamento. Destruição. Significâncias da morte acompanhadas por um ponto. Ele ratifica a exatidão construída em seu envolto, tido na Modernidade à luz da guisa do pensamento disjuntivo; uma sucessão de pontos concernentes ao tempo linear. Não obstante, a morte também é vista como um ponto, neste tempo; o homem se defronta com a eternidade. De certa forma, em um *tempo kronos*[1], ao mesmo tempo em que situa o *homo sapiens* no mundo, exalta-lhe a angústia posta pela suscetível medida exata de encadeamentos da sequencia de segundos, minutos e horas, do qual ele saberá que sua morte se aproxima a cada avanço do ponteiro; um desespero Moderno. Todavia, a existência, o nascimento, o movimento, o acontecimento, emaranham-se na construção do *ser* inacabado; seguido da esperança que a vírgula proporciona após cada pronuncia. Também, assim dizemos que em um *tempo Aion*[2], o

[1] Representamos aqui a ideia de um processo enraizador, grotesco e devorador mecânico. Uma questão inicial motriz e enclausuradora, empurrando-nos biológico e psiquicamente para cada vez mais perto do percalço da morte. Um tempo na/com medida homogenizadora. Uma aparente inesgotável "linha fatiada", iludindo olhos desatentos com uma aparente faceta de fluxo *continuum*. Apresenta-se independente da existência do Outro, porque fora criado para permanecer ativo a-temporalmente ao movimento da vida que se auto-renova. Ignora-se fatiado, no entanto, fatia a si mesmo em segundos, minutos e horas, trazendo consigo a necessidade do "controle dos acasos", sendo contrariado em sua certeza, trazendo em seu bojo a inextricável incerteza do acontecimento inerente ao tempo que virá a ser, logo, inevitavelmente determinista.

[2] Trazemos junto a esta concepção de tempo, uma entrega ao movimento irreversível e duradouro inerente a aqueles e aquelas que o vivenciam. Não ignora sua finitude biológica, no entanto, sabe-se possuidor de seu artífice temporal quantitativo e sublimado pela infinitude. Apesar de saber-se inerente a energia da matéria, este tempo sabe-se e, formula-se junto e ao mesmo tempo fora dela, ou seja, na menos densa energia da memória. Com este tempo, abrimos o campo de possibilidades de mergulhar na existência, comunicando-se entre si com o passado, experenciando e vivenciando o presente simultaneamente com futuro, contudo, sem que se lance uma cadeia geradora de projeções certas do amanhã, ou seja, não comporta uma causalidade linear que torna o futuro previsível.

anuncio dos sinônimos da vida adornam as inculcações no/com o mundo Atual complexo, dobrando seus sinos por um tempo de simultaneidade, inconclusões, e entrelaçamentos dos diversos ramos de possibilidades. Nestas interpenetrações de questionamentos da própria vida, ansiamos por produzir nossa própria realidade *homo demens* em meio a um tempo da qualidade de si mesmo; uma esperança Atual. Entretanto, bastar-se-á, – por mais que suspendamos nossos juízos – acionarmos nestes tempos complexos, a vida em detrimento da morte rumo à felicidade, ancorando em um porto seguro a nossa frágil ânsia interior em busca de um *ser* mais? Longe de levantarmos uma solução a esta questão, mas não deixando de partir desta inculcação, acreditamos de antemão, que se permanecêssemos numa perspectiva simplista/dualista, veríamos que ainda estaríamos mergulhados nas confissões das "verdades" polarizadas, esgotando e ratificando que o homem não está preparado para jogar-se no mundo. Ora, a contradição humana nos alerta que a complexidade do mundo também nos pode empurrar contra a parede e que, a "caça agonizante por ser feliz", (busca pela felicidade 'apenas' de fora para dentro) pode-nos levar a ameaça de afundar numa onda de conselhos e receitas sobre o como ser feliz, tentando-nos privar do paradoxo da morte; hedionda herança da Modernidade.

Doravante, nossa proposta, que indubitavelmente perpassa por uma crítica a alguns ideais postos como paradigma na Modernidade, não é a de simplesmente negar uma ideia "cega" e "cegar-se" pela outra. Tentaremos submergir em águas que por inúmeros motivos são evitadas a pronuncia e, explorar terras que tantos comentam as escondidas, contudo, à luz de *uma* outra perspectiva fluídica que os eventos da complexidade do hoje nos proporcionam. Um olhar extasiante inerente ao *homo sapiens sapiensdemens*, cuja *totalidade* inacabável envolver-nos-á na morte e vida. Numa imanência no/com o mundo, onde o sujeito histórico sempre cultivou sua permanente mudança, entrelaça-se um paradoxo: Vivendo [...] para Morrer [...]; Morrendo [...] para Viver [...][3]. Aqui, não exortaremos as vírgulas em detrimento dos pontos e vice-versa. Contudo propomo-nos a trazer que "a natureza inteira nos mostra, em seu quadro maravilhoso, a renovação perpétua de todas as coisas" (DENIS, 2000, p. 111). Poremos, enfim, a questão da felicidade em nosso nascimento e em nossa morte que

[3] Buscamos representar o desafio criado pelos limites e transgressões da inconclusão complexa inerente ao *ser*, tanto do processo de vida, quando do processo da morte. A contradição que ora se justifica na estática e ora no movimento no qual o próprio gerúndio agrega, remete-nos a uma não exclusão de ambas. Uma condição paradoxal necessária ao sujeito consciente de sua inconclusão. Uma espécie de fronteira e a ultrapassagem do desconhecido e da descoberta, do medo e da audácia. Um caminhar que reintroduz na teia dialógica a inquietação dicotômica corpo/espírito; real/imaginário; vida/morte, em nossa constante ânsia de religarmos o humano demasiadamente humano em meio à complexidade do *ser*, em meio à complexidade do *devir*.

inculca-nos nestes tempos complexos e não obstante, telo-a à luz do pensamento complexo, exortando a fundamentalmente a questão da existência humana intrínseca a esses tempos de caminhada complexa.

## 2 A EXISTÊNCIA COMPLEXA

Heráclito, em sua célebre paradoxal sentença, apanha-nos em sua inexorável dialogia engendrando-nos no mais sutil mergulho que sua fórmula pode-nos apresentar, onde ao mesmo tempo em que parece absurda, torna-se evidente: *a de que a única coisa permanente é a constante mudança*. Neste percurso de raízes/aberturas, o jogo concernente da relação vida e morte fluem pela questão paradoxal da qual partimos não da questão pura e simplesmente deste pensador grego, mas que fundamentalmente está intrínseca em qualquer pólo dialético no que tange à relação da morte e vida e à consciência de si; rumo à ideia do *ser* e *devir*[4] humano em sua individualidade existencial. Heráclito, ao anunciar a expressão *viver de vida, morrer de morte*, nos traz uma ordem viva... nutrindo-nos da constante renovação da própria ordem e desordem viva, das certezas e incertezas das partes e do todo que se reorganizam constantemente; ousamos mergulhar, torcer e nos contorcer por essas águas, que, a nosso ver, são muito profundas para apenas uma expedição de pesca. Sendo assim, trazemos como bússola dessas reflexões um Vivendo [...] para Morrer [...]; Morrendo [...] para Viver [...]. Lançamo-nos no emaranhado que nos junge no/com o mundo, no limiar das certezas e incertezas da vida e morte; morte e vida neste Educandário do *ser* e do *devir* humano, a própria *ex-istência* no sentido de construção, mediante a liberdade. Neste nascimento, acontece um *ser* em si, podendo ser considerado um real que caminha com o imaginário, talvez um mito, mas talvez algo mais plausível de ser. Neste acontecimento, nasce um *ser* para si, que se joga na vida vivida para e com as outras vidas vividas ao seu derredor. Neste caminho, as percepções paradoxais afunilam-se cada vez mais numa espécie de crise; uma espécie de crise da morte na Atualidade[5]. Se nestes tempos complexos da Atualidade vivemos um período de transição, de enfrentamentos das dicotomias, é porque vivemos ainda sob o

[4] Consiste no *ser* em acontecimento e em nascimento e vice-versa. O *ser* em constante movimento, não o que virá a ser. "[...] Vivemos a nossa vida ao mesmo tempo em que vivemos a vida herdada de nosso pai e nossa mãe, a vida da sociedade, a vida da espécie humana, a vida da vida" [...] (MORIN, 2002c). Em Morin (2005a), vemos que "não é somente a humanidade que é um subproduto do devir cósmico (vida planetária), é também o cosmos que é um subproduto de um devir antropossocial".

[5] Forma como Marques (2001) refere-se ao momento de transição, a complexidade dos eventos no agora, o hoje.

império destes princípios obscuros; Morin (2007) o chama de princípio de *disjunção*, de *redução*, cujo conjunto se constitui no que ele chama de paradigma da simplificação. E o que se observa neste paradigma com relação à questão do paradoxo da morte e vida? Vejamos. De antemão, faz-se necessário uma reiteração do sujeito à luz da ordem e do caos que agem em nós e que vivem em nós. Isto, porque o pensamento racional tentou conceber o sujeito de forma reducionista, tentou excluir "ele" "dele mesmo", ou seja, tentou ignorar os sentimentos que o circundam e são partes integrais que forma o todo; Morin (2003a) apresentou-nos que Nietzsche sabia-o: *Os métodos chegam ao fim*. René Descartes "formulou este paradigma essencial do Ocidente ao separar o sujeito pensante (*ego cogitans*) e a coisa entendida (*res extensa*), colocando como princípio de verdade as ideias "claras e distintas", isto é, o próprio pensamento disjuntivo" (MORIN, 2007, p. 11). Não obstante, imaginar a própria morte neste contexto ocidental, é em sua maioridade perceber que ainda estamos como espectadores deste fenômeno; alienados do paradoxo que nos mergulha na existência. Em outras palavras, é como que se uma mística religiosa que emana uma "inteligência cega" fosse arque-inimiga da Filosofia, que sutilmente pode auxiliar o homem a pensar o próprio homem a luz da liberdade existencial. Por muito tempo a Modernidade tentou conceber o homem de forma disjunta, considerando que nós, para desenvolvermos o intelecto, deveríamos desassociar a razão da emoção, pois somente desta forma é que poderíamos explicar e compreender segundo a racionalização. Desta forma, Morin (2002c) auxilia-nos sobre este pensar ao dizer que:

> O princípio de redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Assim, aplica às complexidades vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Pode também cegar e conduzir a excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando, dessa forma, o elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece estritamente ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção. (p. 42)

Diferentemente do usual empregado ao termo complexo, ou seja, o oposto ao simples, a complexidade advém da Cibernética e da Teoria dos Sistemas, sendo encorpadas às obras do pensador transdisciplinar Edgar Morin ainda nos encontros com o chamado *Grupo dos Dez* na França, ao fim da década de 1960 (MORIN, 2005a). Tal termo vem do latim *complexus*, significando "o que está tecido junto" (MORIN, 2003a, p. 44). Compreende a tetralogia: ordem; desordem; interação e organização, na teia das incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios; em qualquer instância de qualquer sistema vivo. A ordem "transcende a antiga idéia determinista de estabilidade, permanência, [...] como também compreende em

seu bojo a idéia das interações, o que significa que nada existe sem influências (internas e externas) e sua interdependência" (PETRAGLIA, 2008, p. 65). Já a desordem traz em sua idéia desvios que aparecem em qualquer processo, alterando-os de forma inesperada, onde no homem pode-se nomear este fato de incerteza; crucial para evolução do universo. Agrupando o tetragrama, ainda temos o conceito de organização, que segundo Petraglia (2008), liga, de modo inter-relacional, elementos ou acontecimentos ou indivíduos que, a partir daí, se tornam os componentes de um todo; garantindo ao sistema uma possibilidade de, em meio às perturbações aleatórias, unir e manter um sistema. Ao refletirmos que o pensamento complexo é aquele capaz de considerar todas as influências recebidas – sejam internas e externas – acrescentamos que: estar nele é encontrar a si mesmo no fervilhar das tensões do real/imaginário, nos laços do sujeito/objeto, na desfragmentação do corpo/alma, no movimento *continuum* do enovelado entre e além da vida/morte que re-organiza a causa e o efeito do ciclo retroativo; que não obstante, foi tão sorrateiramente sufocada pelo pensamento dicotômico e simplificador. É na profundeza deste sentimento, que mergulhamos no *devir* cósmico pensando a questão existencial que perpassa a felicidade e vice-versa; pois aqui não há congelamento da *physis*. A Atualidade carrega em sua dimensão indícios de uma incerteza na qual estamos envoltos, sendo que a concepção mecanicista das certezas não contempla o homem em sua totalidade, passando-nos o ideal do "ou", ou seja, "ou uma coisa ou outra". O paradigma da complexidade propõe um novo olhar, denunciando a visão unilateral que define o ser humano apenas "pela racionalidade (*Homo sapiens*), pela técnica (*Homo faber*), pelas atividades utilitárias (*Homo economicus*), pelas necessidades obrigatórias (*Homo prosaicus*). O ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas" (MORIN, 2002c, p. 58). Por que uma vida "ou" morte; morte "ou" vida? Onde tarda o "e" entre e além destas raízes/aberturas? A morte, segundo Morin (1997), introduz entre o homem e o animal uma ruptura mais espantosa ainda que a ferramenta (*homo faber*), o cérebro (*homo sapiens*), a linguagem (*homo loquax*). Assim, pois:

> A volta da morte é um grande fato de civilização, e o problema de conviver com a morte vai se inscrever cada vez mais profundamente em nosso viver. Isto desemboca num como-viver, cuja dimensão é a um só tempo pessoal e social. Mais uma vez, o caminho da morte deve conduzir-nos de modo mais profundo na vida, assim como o caminho da vida deve conduzir-nos de modo mais profundo na morte. (MORIN, 1997, p. 11)

Observamos com estes preceitos ditados na Modernidade, que as ciências do homem negligenciam sempre a morte. Conforme Morin (1997) contentam-se em reconhecer o

homem pela ferramenta, pelo cérebro, e pela linguagem. Tais ranços dicotômicos, a nosso ver, levam-nos ao "sumo de uma fé não raciocinada", de não acreditarmos na nossa própria morte, como se escondêssemos de nós esta fatalidade; fazendo viver em nós uma ideia de imortalidade. Mas, num mundo de grande dissabor, ter a eterna intermitência da morte seria um êxtase para alcançar a felicidade? Ou seria também um troféu esgotar-se a vitalidade e não mais gozar dos picos de felicidade da *ex-istência*, onde moldamo-nos mediante a nossa liberdade, mediante os enfrentamentos e intimidações do real? Não há como negar que a ordem, a desordem, a auto-organização e a interação estão ao nosso derredor e em nós, arremessando-nos no espiral complexo do ir e vir do universo do saber, mostrando-nos que o começo – que comumente chamamo-la de vida – remete-nos ao acontecimento infatigável, e que o fim – o qual vulgarmente chamamos de morte – tornar-se-á uma mera ilusão de completude. Conforme Petraglia (2008, p. 68), "o sujeito emerge ao mesmo tempo em que o mundo a partir de sua auto-organização". Daí, então, eis que o homem construtor de sua própria história flui no *devir* auto-eco-organizador dotado de razão e desrazão. Dotado de vida em morte e morte em vida... São nas crises de loucura e de sensatez que o ser para si e em si mergulha em sua existência. Assim, o sujeito se auto-eco-organiza, fato que é peculiar ao homem, pois o sistema auto-organizador é inseparável do ecossistema.

> O homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (consumans). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor devolve-nos à prosa. (MORIN, 2002c, p. 58)

O homem da racionalidade *é* também o homem da vida e morte, morte e vida. Por mais que o pensamento racional, pautado nas teorias desenvolvidas no séc. XVII, tenha nos levado a questões dicotômicas, nós nunca deixamos de estar num emaranhado que nos leva a relações infindáveis de nós mesmos. Fizemos um caminho que nos levou à sapiência, mas também à loucura. Pode um *sapiens* que não é capaz de criticar sua própria sapiência ser digno de ser *sapiens*? O homem não vive só da racionalidade, nós também nos desgastamos, dançamos, temos ritos, cremos naquilo que nossos não olhos podem ver, acreditamos que a vida não cessa, cremos que a transcendência não é apenas feita sob as régias da verdade religiosa de que Deus está a uma distância infinita do homem; acreditamos na tenra felicidade. Somos ao mesmo tempo uno e múltiplo; todo uno está na multiplicidade, assim como o

múltiplo faz parte da unidade e, o singular traz em si o cosmos no instante, no presente, no imediato, no futuro, no devir. Alcançamos os "paroxismos de vida em êxtase e na embriaguez" (MORIN, 2002b, p. 52). Caímos na malha fina de nossas próprias paixões e dos nós atados. Vamos de um extremo ao outro num piscar de olhos. Choramos, rimos, brincamos, melindramos quando nossos orgulhos são lembrados por aqueles que amamos; apaixonamos, odiamos, fazemos prosa... amamos... "o ser humano é um animal insuficiente, não apenas na razão, mas é também dotado de desrazão" (MORIN, 2008a, p. 7). Neste caminhar pelo "*e*" é que a teoria da complexidade apresenta-nos a condição atual de *Homo sapiens sapiensdemens*, estamos vivenciando-o em seu grau mais profundo; eis o nosso grau existencial. O paradigma da complexidade traz ainda a ideia de três operadores para colocar em movimento este pensamento. Temos o operador dialógico, que propõe o entrelaçamento das coisas que aparentemente estão separadas, como a razão e a emoção; o real e imaginário. Temos ainda a ideia do operador recursivo (recursividade), onde a causa produz o efeito; que produz a causa. Morin (2007) nos traz como exemplo a nossa própria existência, que é produto da união biológica entre um homem e uma mulher e, ao mesmo tempo seremos produtores de outras uniões; neste sentido, somos recursivamente causa e efeito. E por fim, o operador hologramático, que consiste em não desassociar a parte do todo; ou seja, a parte está contida no todo e vice-versa; assim, emerge-se a noção de totalidade que é sempre aberta. Petraglia (2008) elucida-nos, ao afirmar que "o todo não se reduz a mera soma dos elementos que constituem suas partes [...], pois cada parte apresenta sua especificidade e, em contato com as outras, modificam-se as partes e também o todo" (p. 58). Comunicando a epistemologia da complexidade na teia de sua gênese, pondo em movimento às ideias do *homo sapiens sapiensdemens*, juntamente com os três operadores, atrelados ao tetragrama, constitui-se o estofo da teoria. Tais bases nos levam para a jornada do sujeito inacabável e do tempo que não enclausura. Entre feituras de perturbações, desorganizações, crises e derivas, o efêmero das transformações que nos sonda, nos joga em outras *práxis* as quais os sinos da Atualidade vêm anunciar ao reconhecermos de fato nossa condição de se auto-eco-organizar no jogo do sujeito imbuído do tempo paradoxal de vida e de morte. Desta forma, evoquemos Morin (2005a, p. 36), onde diz que:

> O retorno ao começo não é um círculo vicioso se a viagem, como bem diz a palavra *trip* hoje em dia, significa experiência de onde se volta transformado. Então, talvez, nós poderíamos aprender a aprender, aprender aprendendo. Então, o círculo poderia se transformar em um espiral em que o retorno ao começo é precisamente o que o afasta do começo.

Vivendo... morrendo... um *devir*. Perfilando por estas reflexões, começamos a sentir que vivemos no/com o tempo; um tempo de morte e vida da sanidade e loucura. Pois:

> Uma célula se encontra em estado de autoprodução permanente através da morte das células (que, etc.); uma sociedade se encontra em estado de autoprodução permanente através da morte de seus indivíduos, (que, etc.); ela se reorganiza sem cessar através de desordens, antagonismos, conflitos que, ao mesmo tempo, minam sua existência e conservam sua vitalidade. (MORIN, 1997, p. 10)

Vivemos na *dialogicidade*, que abrange a possibilidade de influência mútua, inter-relacionado múltiplas perspectivas, que nem se liquefazem, nem se recusam, mas permanecem numa tensão e interação; eclode neste entrelaçamento, que a víscera ideia linear concebida na Modernidade não se sustenta nesses tempos complexos que vivemos. "A ordem reina na vida, sistema cibernético perfeito; mas o sistema não obedece apenas a um princípio de regulação, é animado por um frenesi proliferante, parasitário, no qual os seres vivos devoram-se uns aos outros, vivem uns dos outros" (MORIN, 2003b, p. 293). As características, as experiências da ação humana, foram tentadas a ser desassociadas dos sentimentos que compõem nossa complexidade. Somos natureza e cultura, e o caos faz parte da nossa condução biológica; situando-nos no/com mundo. No entanto, "a palavra caos não nos ilumina: ela situa o foco central do mundo, aquém da ordem, além da desordem, além do nada, aquém do ser, ao mesmo tempo no irracionalizável e no racional, na proliferação e na regulação" (MORIN, 2003b, p. 293). A sociedade negligencia a morte ao mesmo tempo em que ela vive em seu percalço. Funciona por vezes no piloto automático, e que cada subjetividade local a compreende, ou não, conforme suas crenças, ritos, medos, saltos para o indizível...; num piscar de olhos, poder-se-ia a Filosofia nos levar a reflexão se este movimento não seria um ato intrínseco da própria vida como uma organização; pela morte; com a morte; e na morte como um próprio ato de existir.

## 3 O PARADOXO COMPLEXO

Numa tiragem lúcida, se re-assistíssemos a vida, clarividenciaríamos a condição autônoma/dependente; fechada/aberta; separada/conjunta inextricavelmente ligada ao ato de existir; bem, as flores antecedem os frutos... Em um estado segundo da poética morte e vida que se converte em estado primeiro no ciclo retroativo que comporta a complexidade,

apresenta-nos não menos racional, a barulhenta e tempestiva morte, e a silenciosa e oportuna vida. Elas surgem em meio às distorções inexprimíveis da Atualidade Complexa, na condição de autoprodução permanente através de sua própria derrocada. Não mais assumem a evocação do pecado original da morte que pesa sobre o caráter tardio, limitado e parcial da tomada de consciência da existência humana de existir, não apresenta como o cinzel do ato fúnebre esperado pelo "eu" que ainda não se jogou na vida; não mais assume o determinismo da vida como um relógio perfeito que nunca se altera. Kierkegaard (1979, p. 199) nos rememora historicamente que "para o cristão, a própria morte é uma passagem para a vida". Mergulhando neste aparente abismo paradoxal, puxemos *um* fio do novelo deste filósofo dinamarquês, interrogando nossos sentidos diante da perspectiva do pensamento complexo, sem penetrarmos a cristandade singular. Um caminhante crítico no/com o mundo Atual Complexo que vislumbra apenas o pólo do "vivendo [...] para morrer [...]" tal como angústia sufocante que o prosta numa dependência guiadora de sua autenticidade humana de ser livre... ***ou*** o pólo do "morrendo [...] para viver [...]" como libertação do sofrimento de estar na vida, sem que se proceda à descoberta da ignorância de si como uma conquista frágil e recente da consciência de si mesmo, ascenderá no paradoxo da morte e vida como processo auto-eco-organizador que nos lança na vida? Os eventos no hoje complexo cuja *dialogicidade* profunda da denuncia e o anúncio nos ajudam filosoficamente a problematizá-lo, ou seja, a aceitação do *devir continuum* Vivendo [...] para Morrer [...]; Morrendo [...] para Viver [...] como processo auto-eco-organizador do cosmos, nos leva a percepção de uma incrível aventura; Morin (2008a) já anunciara que "a verdadeira novidade nasce sempre de uma volta às origens" (p. 43). Se mergulharmos num paradoxo *continuum*, onde o morrendo apresenta-se num *devir* concomitante ao vivendo, o fim apresentar-se-á debruçado aos homens e mulheres enquanto ser-aí "*e*" ser-em-si em seu mergulho íntimo para *um* possível início existencial do qual os sinos da complexidade dobram na re-novação. Relacionar-se, nesta perspectiva, é mergulhar em nosso abismo existencial interior que perpassa a questão da felicidade. Digamos que seja entrar no êxtase que indubitavelmente a condição de *sapiens-demens* pode proporcionar; razão *e* demência. Porém, estes não nos dão parâmetros para dizer quem é o médico e quem é o monstro; apenas que graças a ambos temos coragem de mergulhar nas sendas do proibido, do inesperado. Aliás, conforme Morin (2002c, p. 30):

> O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado

> [...]. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo.

Por vezes, deixamo-nos levar por escolhas perversas que constituem o nosso "eu" na relação com o "tu", a ênfase da barbárie da indiferença, processo que enfermiza o mundo e a nós mesmos. Doravante, a complexidade real envolver-nos-á apenas dizendo o que sempre fez parte de nós. Que o sistema disjunto ao alçar o véu do esquecimento de que o abismo da loucura também pode ser saudável execrou sua própria loucura; uma bela sapiência é aberta a verificação de seu discurso e ao objeto do discurso. A Atualidade Complexa nos mostra que os tempos Modernos, apesar de tentarem não se encontravam a *sós*. Nesta espiral de ordem, existe também a desordem, a organização e a interação; indissociáveis e visíveis a todos e a todas sob a luz do Pensamento Complexo. Sabiamente Morin (2008a) disse que é uma loucura tentar erradicar nossa loucura, e evoca as palavras de Castoriades: "o homem é este animal louco cuja loucura inventou a razão" (MORIN, 2008a, p. 54).

Temos, no entanto a necessidade de controlar o nosso demens; inibir o que há de homicida e imbecil em nós. Temperança; pois os céus da imaginação humana são infinitos. Sutis são os limites da invenção e criminalidade que podem proporcionar uma pequena dosagem de loucura. *Entre, além, com* o *sapiens* e o *demens,* há um fluido que já levou o homem a fazer grandes descobertas, mas que também já o levou a dizimar inúmeras vidas. Nossa liberdade segue aventureira ao indizível do inesperado da proximidade entre o "eu" e o "tu", na construção do entendimento de nossa existência, pois que na singularidade da individualidade e na igualdade da subjetividade de compreender o Outro, se inicia o movimento das relações da *ex-istência* do homem no/com o mundo.

### 3.1 A alteridade

Nestes caminhos que são feitos caminhando, o *Homo sapiens sapiensdemens* nestes tempos complexos, reconhece o limiar de seu reduto banal mecanicista e segue a bússola existencial dissipando a dicotomia morte e vida rumando à alteridade complexa profunda. Com efeito, evoquemos o "*Mito dos Carajás*" na eloquência do filósofo e teólogo Leonardo Boff (2000) em sua obra *Tempo de Transcendência*, expondo a infindável dramaticidade e a grandiosidade do ser humano mergulhado neste indutor existencial que perpassa a questão da felicidade:

*"Segundo o relato dos Carajás, o Criador os fez imortais. Eles viviam como peixes na água, nos rios, nos lagos. Não conheciam o sol, a lua, as estrelas, nada, apenas as águas. No fundo de cada rio onde estavam, havia sempre um buraco de onde saía uma luz com grande intensidade. E este era o preceito do Criador: 'Vocês não podem entrar nesse buraco, senão perderam a imortalidade'. Eles circundavam o buraco, deixando-se iluminar com as cores e sua luz, mas respeitavam o preceito, apesar de ser grande a tentação.*

*O que tem lá dentro? Até que um dia, um carajá afoito se meteu pelo buraco adentro. E caiu nas praias esplêndidas do rio Araguaia, que são praias alvíssimas, belíssimas. Ficou maravilhado. Viu o sol, pássaros, paisagens soberbas, flores, borboletas. Por onde dirigia o olhar ficava cada vez mais boquiaberto. E quando chegou o entardecer, e o sol sumiu, pensou em voltar para os irmãos. Mas aí apareceram a lua e as estrelas. Ficou ainda mais embasbacado e passou a noite se admirando da grandiosidade do universo.*

*E quando pensou que já ia avançando na noite, o sol começou a despontar. Ao lembrar-se dos irmãos, ele retornou pelo buraco. Reuniu todos e contou: 'Irmãos e irmãs, meus parentes, vi uma coisa extraordinária, que vocês não podem imaginar'. E descreveu sua experiência. Aí, todos queriam passar pelo buraco luminoso. Então, os sábios disseram: 'Mas o Criador é tão generoso conosco, nos deu a imortalidade, vamos consultá-Lo'. E foram consultar o Criador, dizendo: 'Pai, deixe-nos passar pelo buraco. É tão extraordinária aquela realidade que o nosso irmão afoito descreveu'. E o Criador, com certa tristeza, respondeu: 'Realmente, é uma realidade esplêndida. As praias são lindíssimas, a floresta apresenta uma biodiversidade fantástica'. E continuou: 'Vocês podem ir para lá, mas há um preço a pagar. Vocês perderão a imortalidade'.*

*Todos se entreolharam e se voltaram para o carajá afoito que primeiro violara o preceito. E decidiram passar pelo buraco, renunciando à imortalidade. A divindade então lhes disse: 'Eu respeito à decisão que tomaram. Vocês terão experiências fantásticas de beleza, de grandiosidade, mas tudo será efêmero. Tudo vai nascer, crescer, madurar, decair e por fim morrer. Vocês participarão deste ciclo. É isso que vocês querem?' E todos unanimemente, afirmaram: 'Queremos'. E foram. Cometeram o ato de suprema coragem para terem a liberdade de viver a experiência da transcendência. Renunciaram à vitalidade perene, renunciaram à imortalidade.*

*E até hoje estão lá, os Carajás, naquelas praias lindíssimas. Se um dia vocês forem visitá-los, vão encontrá-los rolando nas areias, mergulhando nas águas muito verdes, mas profundamente livres".*

A *dialogicidade* inerente ao "eu", denuncia e anuncia o próprio "eu" em sua formação infinita/finita, enraizada/aberta. Esta relação consigo mesmo – mesmo numa aparente deriva – ou seja, o "Vivendo [...] para Morrer [...]; Morrendo [...] para Viver [...]" exala a própria *ex-istência*, que não obstante, faz uma relação do que é absurdo e necessário em meio ao espiral da liberdade humana que se joga na vida. Assim provém o inexorável estado que vemos a Atualidade Complexa denunciar e anunciar enquanto questão filosófica existencial humana, tornando-se reveladora no paradoxo que trazemos os caracteres de autoprodução permanente através de re-novação da morte e vida tanto das partes quanto do todo, se reorganizando sem cessar através de desordens e antagonismos que minam sua existência e conservam sua vitalidade: comporta o binômio certeza/incerteza de morrer tendo em vista o desejo de viver, e também a certeza/incerteza do desespero de viver aprisionado pela morte em seu percalço diário. Enquanto ato de mergulho no abismo da própria existência humana, este indutor existencial estaria também voltado no pensamento de Edgar Morin conforme explicita Burguière (2008) numa leitura sobre a obra *O homem e morte* do "arquiteto da complexidade". Burguière (2008) aponta-nos as crenças e ritos muitas das vezes como ações reveladoras do com-viver *no/com* o medo e/ou a necessidade de exorcizar esse medo por meio de acúmulo das crenças e ritos que neguem a desintegração do organismo vivo; que não obstante tornar-se-á inseparável o medo da morte e a consciência de existir como indivíduo.

O nosso desfalecer é uma certeza, mas adentrando filosoficamente no abismo da temida morte, será mesmo que este processo limita-se à fisiologia? Numa tiragem existencial, damo-nos conta de nossa prostração – ou morte em vida – quando observamos o movimento da vida diante da janela dos porões de nossa alma. Como temos percebido a noção de felicidade nestes tempos complexos? Ora, tememos o novo, tememos a relação com o desconhecido. No entanto esquecemos que desconhecemos a nós mesmos, e nos escondemos atrás das máscaras do falso compreender; este falso compreender perpassa um ato perverso, em que "não se trata de compreender o outro, mas, antes, de reconhecer que o outro não é compreensível" (WULF, 2003. p. 201). "A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana" (MORIN, 2002c, p. 101). No entanto, a verdadeira compreensão da morte e vida nos leva a refletir se um instante de loucura – em que num lampejo, preferimos escolher seguir nossas próprias torpezas exteriorizadas no mundo – pode servir para dizer quem nós somos. A verdadeira compreensão nos leva ao rumo do *ser* pela audácia em refletir se um escorregão de outrora pode definir o nosso tempo de agora sem uma chance de

revivermos nossa liberdade. A transformação que todos e todas podem vivenciar mergulhando nas águas cristalinas da vida autêntica não controlada por outrem, assume a lida da compaixão do sofrimento dos humilhados em sua própria presilha psíquica; fundindo-se na verdadeira compreensão existencial acolhendo-se na auto-ética rumando a uma noção de felicidade no mundo complexo.

### 3.2 O *ser* mais

Estamos sem dúvida anunciando um possível caminho existencial de um sujeito histórico. Que se reconhecem como sujeitos construtores de seu caminho que se faz ao caminhar, com a criticidade constante de que são homens e mulheres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Acreditamos durante tempos, que a simplória procura pela felicidade nos trará a felicidade. Esta ideia esta incutida ainda na linearidade causal, sem as considerações do múltiplo que nos sonda. No entanto, O "destino" perdeu sua magia Moderna na qual era inviolável. Nestes tempos Atuais, ele lança sua corda no abismo da morte e vida que se (des)enrola. Jogar-se na vida é estar no paradoxo da tessitura da *ex-istência*; disposto a romper com a estática dos pólos da morte e da vida que aparentemente não dialogavam. E, não menos distante, o ponto de início faz-se nos próprios homens e mulheres que são artífices de suas escolhas. Se houve possibilidade de reconhecermos a necessidade de religarmos o sujeito disjunto, enraizado em nossa cultura expressada na dicotomia sujeito x objeto em sua própria natureza sábia e louca, o mesmo faz-se com relação ao religação da concepção de morte e vida que se caracterizou na Modernidade como processo dualista; rumo a re-novação da noção de *tempo* e *ex-istência* na Atualidade Complexa. Uma vez que, dificultosos foram os meios de "enfrentar das contradições entre o sentimento de existir e a realidade programada da espécie, que inclui o nascimento e a morte de cada ser vivo dentro do processo de reprodução" (BURGUIÈRE, 2008, p.74). Aqui, o *ser* inconcluso e o fazer o caminho ao andar são os artífices que impulsionam o *ser* para a morte e vida como indutor existencial capaz de criticar os meandros de felicidade.

É necessário, no entanto, "que descasquemos um pouco mais a cebola", a fim de que cheguemos mais próximo da noção da felicidade, que não obstante, pede-se que tratemos da noção de liberdade, religado pela noção do movimento *recursivo* trazida pelo Pensamento Complexo. Para tanto, falaremos de autonomia. Esta, no seio deste Pensamento, contempla além da ideia de liberdade absoluta, envolve uma autonomia que depende de seu meio

ambiente (MORIN, 2002a). A ideia de autonomia está inseparável da auto-organização. Esta última nos mostra o quão os sujeitos são capazes de emergirem ao mesmo tempo no/com o mundo a partir de sua auto-organização, intrínseca à autonomia e à dependência. "Para transformar-se e conhecer-se, o sujeito necessita de um objeto. É a partir dessa dependência que o sujeito e o objeto emergem da realidade complexa, assim como se observa na relação recíproca e inseparável: sistema auto-organizador e ecossistema" (PETRAGLIA, 2008, p. 69). Portanto, ao fundir a autonomia e a dependência no *devir*, esta capacidade do sujeito o torna auto-organizador de seu processo vital e não exclui a dependência relativa ao mundo exterior, aos grupos, à sociedade e ao ecossistema. Então, a auto-organização, como dissemos alhures, é na verdade auto-eco-organização; porque a transformação extrapola o seu *ser*. As atitudes em relação à dicotomia morte e vida vêm se referindo à maneira pela qual os homens pensam e experimentam seu lugar de audácia no/com o mundo. Não defendemos a ideia simplista de que o horror da morte seja uma herança de uma concepção perturbadora do século XVII, e que devemos superá-lo, tal como um niilismo macabro. Não, não. Posicionamo-nos para a exaltação da vida embriagada de vida, mas sem a recusa da morte, pois que sua renuncia é uma desrazão que vem suspendendo as crises e as derivas na Modernidade, consequências da recusa de nós mesmos, do paradoxo que nos lança na vida. Morin (1997) nos esclarece a partir da comunicação dialética entre o Id e o Ego, entre o Indivíduo e a vida. Evocando Pascal, diz Morin (1997, p. 63) que "é verdade que o homem das civilizações modernas tenta fugir da ideia de morte. Mas este esquecimento só é possível por existir nele um animal inconsciente ignorando sempre a ideia de morrer. Esta animalidade é a própria vida [...]".

> O Id pode encobrir e anular a ideia da morte, mas, por sua vez, pode ser corroído por ela: a consciência obsidiante da morte, em seu ponto extremo, faz murchar e apodrecer a vida, e levar a loucura ou ao suicídio. No outro extremo, um Ego atrofiado pode se ignorar a tal ponto que jamais pensará na morte. Entre estes casos limites, a presença e a ausência da morte. Entre estes casos limites, a presença e a ausência da morte se imbricam e se encobrem diversamente. É a vida, com e sem a preocupação da morte, a dupla vida.
>
> Mas esta dupla vida é "una". E se a vida específica é a derradeira inimiga da individualidade, pois, a afinal de contas, ela a mata, ela lhe permite nascer e se afirmar. Porque sem vida, não há homem, é o nada. Sem a própria participação biológica, isto é, sem adesão da vida, só haveria horror permanente, sempre nada. É exatamente porque esta participação o faz viver e o afasta da morte que ela põe em relevo a violência e a significação do conflito que opõe a afirmação do conflito, da inadaptação espécie-indivíduo. (MORIN, 1997, p. 64)

Os sentimentos sobre a morte encontram-se estreitamente ligados ao sentido que conferem à vida e à concepção sobre da *ex-istência*, não obstante, a felicidade. Libertar-se e concomitantemente ligar-se ao Outro na dependência, tornar-se-á um ato de repartir único, vivida no/com o Outro de forma única; no ato mais profundo de ficarmos expressos, seja em vida, ou em morte no/com o Outro. Este mergulho no abismo da alteridade inerente a recursividade da vida complexa, nos faz durar no/com o Outro. Ao tomarmos consciência de nossa mortalidade pueril, transbordamo-nos, não nos mantemos dentro de si minando nossa vida em morte e conservando nossa morte em vida. Apesar de a morte constituir um acontecimento inesperado que vem interromper uma existência que aparentemente "jamais devesse terminar" relacionando-se diretamente com a noção de felicidade a luz do pensamento complexo, ressalta o que existe de mais individual e mais íntimo na vida quando lançamo-nos rumo aos gozos para viver o hoje sem aguardar um porvir que possa ser dramático. Reconhecer-se na *totalidade* reconhecendo nossa individualidade, o "eu", em sua mais profunda instância singular e o Outro no que tange a igualdade da subjetividade, é mergulhar nas águas profundas da maiêutica, onde cada qual encontre sua *ex-istência* através das suas próprias forças; sem que ela lhe seja *transmitida*. É ir rumo ao ápice da autonomia/dependência da consciência de si a suprema sabedoria-loucura, uma "*sãloucura*"[6] necessária para assumir o amor a vida; um amar o Outro e a si mesmo em morte e vida na interminável ânsia de *ser* mais.

## 4 A RETOMADA COMPLEXA

Só a leve esperança em toda a vida
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.
O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.
Essa felicidade que supomos,

[6]Compilamos no agregamento desta expressão, a junção das palavras sabedoria e loucura a fim de representarmos a fluidez dos limites que ora e vez expressamos tão nitidamente através de nossas exortações sentimentais e racionais. Amar o próximo, se bem analisarmos, ou seja, tendo como efeito o "absurdo" de não exigir coisa alguma em benefício próprio, procurando ativar em nós que o Outro é tão parecido conosco, que por isso eu posso e preciso amá-lo, ultrapassa os limites das dicotomias e da evidencias dos limiares da loucura e da razão. A "saloucura" efeito de condição que somente faz-se na relação, onde o amar o Outro, necessita de uma esperança na existência, apresenta-se como uma espécie de fé no homem e na mulher no mundo, questão decisiva que se retroage no histórico singular.

Árvore milagrosa que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,
Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.
(CARVALHO, 2011)

A existência humana se decide no histórico. Se algo acontece, é porque houve um histórico; assim como poderia não ter existido. Uma noção de felicidade nestes tempos complexos também se decide no histórico, entre e além de seu real e imaginário onde a morte apresentar-se-á em outra moldura, fundindo-se na *totalidade* aberta mantendo-se as emergências singulares complexas. Vivemos na temporalidade do *devir*, no interior do *devir* cósmico. Os tempos de morte e vida da Modernidade, não são mais do que uma sucessão de instantes rememorados. Mas o instante tornar-se-á vivo quando o nosso tempo se revestir do paradoxo morte e vida em nossos abismos. Doravante, somente lançaremo-nos no tempo quando retomarmos ao abismo, horizonte existencial da morte dos tempos fúnebres e a luz dos tempos de vida; transição dos eventos do hoje na Atualidade Complexa. Platão (1972) nos embriagou, exaltou e expressou estes instantes revestidos de existência em sua obra *Fédon*. Nela os diálogos escapam-se na fluidez dos tempos de morte e vida, esperança na morte e desespero da vida. Ora, Sócrates já nos dizia que *as almas de todos os homens são imortais. Mas as almas dos homens justos são imortais e divinas.* Talvez vivamos em um mundo de aparências, o qual, segundo Morin (2008a), seria tal como a espuma de uma realidade mais profunda, escapando ao tempo, ao espaço, aos nossos sentidos e ao nosso entendimento. Porém:

> Nosso mundo da separação, da dispersão, da finitude significa também o mundo da atração, do reencontro, da exaltação. E estamos plenamente imersos neste mundo que é o de nossos sofrimentos, felicidades e amores. Não experimentá-lo é evitar o sofrimento, mas também não haverá o gozo. Quanto mais estamos aptos à felicidade, mas nos aproximamos da infelicidade. O *Tao-te-ching*[7] diz muito apropriadamente: "A infelicidade caminha lado a lado com a felicidade; a felicidade dorme ao pé da infelicidade". (MORIN, 2008a, p. 8-9)

O paradoxo Vivendo [...] para Morrer [...]; Morrendo [...] para Viver [...] enovela a existência humana, atrelando sua autonomia também aos conflitos éticos de sua própria *ex-istência*. Sejam elas biofísicas ou psico-sócio-culturais, não são capazes de

[7] *Tao-te-ching*: livro do caminho, coleção de 81 poemas escritos por Lao Tsé, que constituem os fundamentos do taoísmo. **Nota do Autor**.

desvencilhar o homem da relação consigo mesmo no que tange a ser *homo complexus* no/com o mundo. Numa tiragem existencial complexa, poderia um trecho da *Narrativa* da obra: *Fédon*, servir para nós como um escândalo da morte num ponto de partida da *ex-istência*, em lugar de refutá-la por mais tempo e jogar-se ainda mais na vida em glória.

> Enquanto estive ao lado de Sócrates minhas impressões pessoais foram, de fato, bem singulares. Na verdade, ao pensamento de que assistia à morte desse homem ao qual me achava ligado pela amizade, não era a compaixão o que me tomava. O que eu tinha sob os olhos, Equécrates, era um homem feliz, tanto na maneira de comportar-se como na de conversar, tal era a tranquila nobreza que havia no seu fim. E isso, de tal modo que ele me dava a impressão, ele que devia encaminhar-se para as regiões do Hades, de para lá se dirigir auxiliado por um concurso divino, e de ir encontrar no além, uma vez chegado, uma felicidade tal como ninguém jamais conheceu! Por isso é que absolutamente nenhum sentimento de compaixão havia em mim, com teria sido natural em quem era testemunha duma morte iminente. (PLATÃO, 1972, p. 64-65)

Nesta retomada, vemos ao mergulharmos em nós mesmos, guiados pelo pensamento complexo, a tessitura do nosso tempo em vida e em morte; onde fazemos parte do local e do global juntamente com o religar; formando o entrelaçamento multidimensional unindo o particular ao global; sensibilizando-se e criticando velozmente as fugazes verdades do mundo; aceitando o desafio da incerteza e questionando o determinismo. A Atualidade revela-nos em toda sua multidimensionalidade; a liquidez dos paradigmas da Modernidade perante as nossas construções históricas. Ao observarmos a aparente boniteza do quase cântico de louvor a morte por Sócrates, rememoramos os mártires que consideramos justos, onde "seus lugares aos céus encontravam-se reservados para o descanso merecido". Neste sentido, a questão é que coadunam em nós a animalidade e a humanidade, as emergências dos *tempos kronos* e *Aion*, constituindo o nosso estofo propriamente humano que nos lança na existência paradoxal da morte e vida. Fato, é que o estar ser humano, não é a mesma coisa de estar ser-aí e em-sí humano banhado pelo pensamento complexo; vivemos no/com o paradoxo múltiplo e uno. No último "segundo da subjetividade", poder-se-ia nascer um gênio do limiar fluídico da loucura, agarrando a chance que se encontra nas frestas que nós não conseguimos perceber; não há espaços perdidos no cosmos. No último "segundo da subjetividade", poder-se-ia nascer no limiar petrificado de nós outros um monumento; lapidado pelas ferramentas do amor. Morin (2002c) nos embevece ao dizer que precisamos tentar unir o que está solto, deixando-o livre. Brindemos, pois, a religação complexa; brindemos, pois, ao unir sem aprisionar. Aqui, o vício do aprisionamento sem sombras de dúvida petrifica o íntimo;

cedendo espaço para as raízes da morte em vida. Não obstante, nesta necrose, habita também a neurose, que joga a vida na vida; nas relações infinitesimamente amorosas com a *ex-istência* junto ao Outro, abrindo a esfera espiritual que anseia mais em ser minimamente feliz varias vezes ao dia, do que viver de morte longamente em compasso de espera do esgotamento do fluido vital.

Os *tempos* se entrelaçam nas poéticas e prosaicas (des)ilusões da complexidade humana, nas mórbidas lutas travadas pelos enaltecimentos de nós mesmos em estarmos buscando um futuro esquecendo-se do presente; e/ou prendendo-se ao passado imaginando quimeras ao projetar situações ideais para a vida numa culpabilidade corriqueira; aprisionando a memória. A *ex-istência* joga-nos no paradoxo fundamental de conquistar o impulso feliz latente em nós; vivenciando o agora. Assim, pois, a vida feliz apresentar-se-á no movimento existencial do *homo sapiens sapiensdeme*ns, na re-novação de si; para si; e em si no *tempo continuum* jogado na/com a vida ao derredor. O paradoxo Vivendo [...] para Morrer [...]; Morrendo [...] para Viver [...] viola as barreiras de um tempo determinante. Morremos para a arte; vivemos para o delírio; vivemos uma gargalhada; morremos num choro; morremos e vivemos um amor...; uma experenciação única, que somente pode ser vivida pelo nosso "Eu", emergindo na relação com os Outros "eu". Será vida? Será morte? Será uma retomada de um tempo de morte ou de vida? O *devir* da felicidade justifica-se, sobretudo no paradoxo da morte e vida, que pode ser uma invenção da vida; que quanto mais afastamo-nos da própria vida, mais podemos estar mergulhando nela.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas; Dom Casmurro**. São Paulo: Abril cultural, 1982. (p. 7-173).

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência**: O Ser Humano como Projeto Infinito. Lumensana publicações eletrônicas: Sextante, 2000.

BURGUIÈRE, André. A longa viagem de "O homem e a morte". In: PENA-VEGA, Alfredo & LAPIERRE, Nicole. (Org.). **Edgar Morin em foco**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 69-98.

DENIS, Léon. **O problema do ser**. São Paulo: Petit, 2000.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 187-275. (Os pensadores).

MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade na mídia**. 2001. 248f. (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de janeiro: Imago, 1997.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

_____. **Em busca dos fundamentos perdidos** – textos sobre o marxismo. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

_____. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002c.

_____. **Meus Demônios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

_____. **X da questão**: o sujeito à flor da pele. Porto Alegre: Artmed, 2003b.

_____. **O método I:** a natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

_____. **O método II:** a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Amor, poesia, sabedoria**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008a.

PETRAGLIA, Isabel. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PLATÃO. **Diálogos** - O Banquete, Fédon, Sofista, Político. São Paulo: Abril cultural, 1972. p. 61-132. (Os pensadores).

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino da filosofia:** Investigação Dialógica: uma pedagogia para a docência de filosofia. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARVALHO, Vicente. **Velho Tema**. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sao_paulo/vicente_de_carvalho.html>. Acesso em: 20 fev. 2011.